WILSON ÁVILA: UM LIVRO PARA A OXUM

Norton F. Corrêa (nortonfc38@gmail.com)

Vi a notícia na Zero Hora: Wilson Ávila, sacerdote do Centro Espírita de Umbanda Templo do Sol, escrevera um livro: "Nos Reinos da Umbanda". O primeiro exemplar seria entregue, como oferenda, à Oxum, deusa das águas doces. Local: Rio Guaíba - uma pequena procissão fluvial no próximo domingo, 12 de setembro. Quem fez a apresentação da obra foi Alceu Colares, político, negro, umbandista declarado e em certa época prefeito de Porto Alegre e Governador do Estado. Estávamos em 1971.

Não tive dúvidas, eu conhecia o Wilson e não perderia a oportunidade de fazer um documentário fotográfico do acontecimento, pois o escritor era uma pessoa conhecida e dono de um grande templo. Mas havia outra razão: naquele tempo, a quase meio século atrás, em que as religiões afro-brasileiras não possuíam a legitimidade e o reconhecimento que têm hoje e a igreja católica tinha poder para combatê-las constantemente, não deixava de ser um ato de coragem e dedicação promover um evento público de umbanda no centro de Porto Alegre. O acontecimento, por isto, era também histórico.

Fiz, com antecedência, todos os preparativos necessários: pedi emprestada a lancha do meu pai, comprei filmes e comes e bebes para um piquenique que iria fazer depois do trabalho. Além disso, resolvi convidar uma timoneira. Não por bela, mas porque, entenda-se, por favor, evidentemente eu não conseguiria fotografar e dirigir o barco ao mesmo tempo. Depois me falou que frequentava a umbanda e era filha da Oxum...

O domingo começara lindo, um calorzinho gostoso, as águas do Guaíba brilhando ao sol, calmas, quase um espelho. Água doce e espelho? De certo, muitos dos participantes pensariam que a própria Oxum se encarregara de criar um cenário adequado para receber seu presente.

Saímos muito cedo, porque o percurso era longo e eu queria chegar antes do começo do evento.

A doca próxima do mercado estava apinhada de gente, que pelas roupas, não eram só umbandistas, mas também do batuque. Mas outros, de terno e gravata. Muita alegria, muitos abraços pelos reencontros, uma grande efervescência no ar.

Capitaneados pela lancha dos bombeiros, que levava as figuras mais destacadas da comunidade religiosa, além do autor do livro, os barcos saem da doca no rumo do Saco da Alemoa, rio acima.

A ideia que eu tivera foi boa: com barco próprio e rápido, podia me movimentar muito por entre os demais, acompanhando-os, navegando em volta deles, com isso tendo uma visão privilegiada do conjunto, reconhecendo pessoas, fotografando com mais facilidade.

Na proa da Nau Capitânea, o próprio Wilson, todo de branco, um grande colar também branco no pescoço, óculos escuros. Os demais, como o Moab Caldas, além de outros líderes que eu não consegui identificar, engravatados. Uma mulher com traje religioso, outra em roupas comuns, eis a linha de frente da festa. Fiquei surpreso foi com a ausência do Adalberto Pernambuco, da então União de Umbanda, figura de vanguarda no meio religioso.

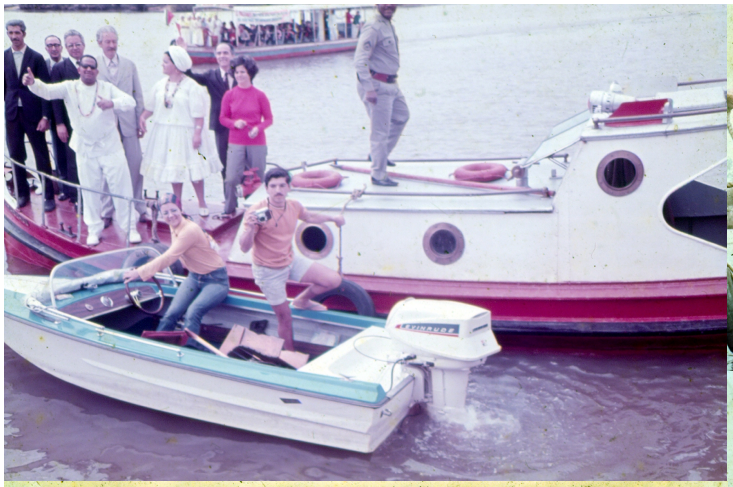
Ao chegarmos ao local, os barcos pararam, formando um círculo. Atraquei na lancha dos bombeiros, enquanto o dono da festa discursava, agradecendo o comparecimento de todos e cantando para sua padroeira. Quando subiu na tolda da embarcação, com o livro, me afastei para fazer uma foto de conjunto. Ele pegou o trabalho com as duas mãos, levantou-as para o alto, ficou uns segundos em silêncio, talvez rezando, e então atirou-o na água. De imediato, o som dos

tambores e cânticos que vinha dos outros barcos estrondou, fazendo coro aos vivas e explosões de dezenas de foguetes, em saudação ao autor do livro e sua divindade. Ao mesmo tempo, de cada barco eram jogados no Guaíba buquês de rosas amarelas envoltos em papeis de seda da mesma cor e azuis. Aos poucos, junto com o livro, iam sendo conduzidos pelo vento manso e a correnteza nos rumos do Reino da Oxum.

Eu levara, por precaução, duas máquinas fotográficas. Ao encontrar um amigo em outro barco, pedi que fizesse fotos, pois pegaria ângulos que não estavam ao meu alcance. Depois subi na lancha dos bombeiros, tirando uma foto do Moab em primeiro plano.

Voltei junto com a caravana aquática. Caixas com livros foram desembarcadas e ali mesmo, no cais, formou-se uma fila enorme de compradores. Conversei um pouco com alguns amigos, dei parabéns, rapidamente, ao Wilson e voltei para a lancha.

Afinal, minha missão antropológica fora cumprida e os comes e bebes, as ilhas, a bela tarde de domingo e, claro, a timoneira, estavam à espera.

• • •

(Quem consegue identificar os antigos, nas fotos?)